

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 140	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35000	18000	3050	5120	11 DE NOVEMBRO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da imprensa.
Esposições ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	55000	28500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	155000	78500	-6-	-5-		



A ACTRIZ LUCINDA SIMÕES (segundo uma photographia de H. Rosén & C.ª)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Antonio Rodrigues Sampaio, EDUARDO CORLEO — De como vive um D. Manuel de presente, JULLIO CESAR MACHADO — As nossas gravuras, Caminho de Ferro da Beira, J. B. — Successos do Egypto, R. — Ephemeridas-Artístico-Litterarias, SILVA FERREIRA — Publicações.

GRAVURAS. — A actriz Luocinda Simões — O tenor Julian Gayarre — Estação de Pampilhosa, no caminho de ferro da Beira Alta — Em Leiria — Os novos marcos postaes — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Eu não sei, nem me importa saber, se o Miraglia, o Swift, o Baraldi eram iguaes ao Gayarre ou superiores a elle, o que sei, é que eu com os meus trinta e dois annos nunca ouvi nada parecido com o ultimo acto da *Favorita*, cantado por elle e pela Pasqua.

Nunca espectaculo algum nos produziu a commoção extraordinaria d'aquelle duetto dilacerante de desespero e amor, nunca a arte humana appareceu aos nossos olhos maravilhados, assim transfigurada pelo genio n'uma manifestação divina.

O que é Gayarre a cantar não sabemos descrever; o que ha de amor, de paixão, de sentimento n'aquella voz, só se poderia exprimir por aquellas notas suavissimas, que lhe choram e riem nos labios, na expressão mais colossal mais nítida, mais sublime da arte lyrica.

E no fim de contas Gayarre não é o que muita gente esperava. E muito melhor do que isso: prova-o o entusiasmo extranho com que foi acolhida essa desillusão.

Muita gente imaginava que ia ouvir uma d'essas vozes enormes, cheias d'um grande vigor e d'uma grande belleza, um d'esses tenores que estão sempre a subir ao dô do peito como os limpa chaminés estão sempre a subir aos telhados, um Fancelli elevado ao cumulo.

Nada d'isso. Logo ás primeiras notas que Gayarre soltou em scena, essas pessoas viram que se tinham enganado. A sua voz é de pouco volume, não assusta os echos com as suas fortes vibrações. Dô de peito, nem um em toda a *Favorita*. Swift, que era um grande cantor e possuía uma das mais deliciosas vozes do norte, dizem, que Lisboa tem ouvido, tinha um dô soberbo, mas nunca usava d'elle. O empresario instava-o, supplicava-lhe para que uma noite, soltasse o seu dô de peito.

— Não, não, respondeu-lhe Swift, no seu portuguez inglezado, essa nota, é nota de vender agua. Já não é canto, é grito.

Ora parte do publico de Lisboa que se preparava para ter o regalo, que gosava a miudo com o sr. Fancelli, quando elle punha a mão no estomago e atirava com um dô estridente, ao ouvir as primeiras notas do sr. Gayarre ficou desapontado.

Mas d'ahi a segundos esse desapontamento transformou-se n'um encanto, e o publico fazia a Gayarre uma ovação como nunca fez, no nosso tempo, a cantor algum.

E' que a voz do sr. Gayarre não se perde em gritos inuteis, concentra-se n'um canto apaixonado, colorido d'uma arte perfectissima e sublime, como os nossos ouvidos nunca ouviram.

Artista consummado, o mais perfeito e completo que hoje ha no mundo: porque reúne toda a sciencia do mestre, e toda a plenitude de recursos vocaes, Gayarre, foi uma verdadeira e espantosa revelação do que é a arte lyrica moderna. O publico surprehendido, fascinado, victorioso quasi que n'um extasi, esse artista extraordinario que lhe deu no theatro uma commoção nova e sublime.

Sempre ao lado de Gayarre, sem um momento se quer lhe ser inferior, a sr.^a Pasqua, demonstrou brillantemente, que se Gayarre é um dos primeiros artistas do mundo, ella tambem o é. Nos duettos o publico maravilhado não sabia qual applaudir mais, cada nota de Leonor, e cada nota de Fernando, levantavam na sala tempestades de applausos, que o entusiasmo não podia conter, e que a curiosidade avida reprimia logo. A *Favorita* foi a consagração, em Portugal, d'estes dois grandes artistas, e marca epocha notavel nas noites do nosso theatro lyrico.

O sr. Sivori de um barytono que se tinha visto pouco, de quem o publico não esperava grandes

commettimentos, cantou pela primeira vez — pois é um artista que começa — o papel do rei, na *Favorita*.

Foi uma bella surpresa para o publico. Ao lado d'esses dois gigantes, Pasqua e Gayarre, dois colossos do mundo lyrico, como em theatro algum ha hoje eguaes, o sr. Sivori foi applaudido e victoriado. O sr. Sivori deve estar contentissimo consigo. A *Favorita* foi para elle uma victoria que marcaria na vida d'um artista já feito, e que no alvoer de um cantor que começa, é uma gloria, que serve de prefacio á celebridade.

E depois de ouvirmos a *Favorita*, assim cantada excepcionalmente, não podemos deixar de pensar com saudades em que noites d'estas não se repetirão muito no nosso theatro, e que, quando nos despedirmos de Gayarre podemos nos despedir de mais celebridades em S. Carlos.

A culpa é do governo. Está provadissimo hoje, com a Sarah Bernhardt, e com a Gemma Cuni-berthi, que os preços elevados não assustam ninguém, e que Lisboa tem publico que sabe apreciar e pagar as grandes celebridades. O que não pôde ser de forma alguma é ver-se a Sarah Bernhardt pelo preço que se vê a sr.^a Antonia ou a sr.^a Rita, ouvir-se o Gayarre pelo preço que se ouve o sr. Hermogenes, a Patti pelo preço que se ouve a sr.^a Canaria. Fatalmente os empresarios quando se abalançam a trazer cá uma d'essas grandes notabilidades, que ganham n'uma noite o que ordinariamente as nossas companhias completas ganham n'um mez, tem que augmentar consideravelmente os preços, não só para poder pagar, a essas, notabilidades, como tambem para lhes pagar a elles o grande risco que no fim de contas correm.

O theatro do Gymnasio por exemplo quando apresentou Sarah Bernhardt elevou os preços dos camarotes de 38000 réis a 228000 réis, quando apresentou a pequena Cuniberti vendeu-os a 128000 réis, e ainda assim em ambos os casos por assignaturas de tres recitas.

O governo, na sua alta sabedoria e no seu entranhado amor pela arte, não permittiu que o empresario de S. Carlos augmentasse os preços para as recitas do tenor Gayarre.

Ora se é já extraordinario, inverosimil, como pelos preços do theatro de S. Carlos — preços que em muitos dos logares, varia pouquissimo dos preços dos outros theatros cujos encargos são muito menores, — o publico ouve uma companhia em que figuram a Pasqua, a Dereské, o tenor Barbacini, o barytono Aldighieri, além de artistas como a sr.^a Lody, o sr. Navarini, Sivori, Signoretta, De Reszké e Piazza, ouvir com esta companhia toda o tenor Gayarre que ganha por noite em que canta 7508000 réis e o mais espantoso dos absurdos. D'esse absurdo o que resulta? um prejuizo grave para o empresario e gravissimo para o publico.

O empresario não podendo fazer legalmente um augmento de preços razoavel, tem fatalmente de recorrer a sophismas, e de procurar nas margens do contracto os meios que na interpretação da sua letra lhe negam.

D'ahi vem a intervenção necessaria de terceira pessoa na venda dos bilhetes, terceiras pessoas, que hão de fatalmente tirar interesse d'essa intervenção. O publico além de ter que pagar o augmento de preços sufficiente para compensar a despeza extraordinaria feita com o artista celebre e por conseguinte caro, que lhes apresentam, tem tambem que pagar o trabalho d'essas terceiras pessoas: — prejuizo para o publico.

Esse augmento de preços, muito razoavel, muito justo, muito logico, feito directamente, legalmente com a auctorisação intelligente do governo, obrigado a fazer-se como sophisma, toma para muita gente — injustamente — uns ares d'especulação, e afasta compradores: — prejuizo para o empresario.

E em virtude da prohibição inexplicavel do governo, o publico paga mais caro, e o empresario perde dinheiro porque a desconfiança de muitas pessoas, faz com que o theatro não se encha todas as noites, como se encheria fatalmente se esse amuo, injustificadissimo, não existisse.

Resultado de tudo isto: — o empresario de S. Carlos comprehenderá á sua custa que não vale a pena trazer celebridades artisticas a Lisboa, que de duas uma, ou ha de arriscar o seu dinheiro e provocar a animadversão de parte do publico, fazendo augmento de preços fóra do contracto, ou fornecer o Gayarre pelos preços normaes a 300 réis por cabeça aos amadores das galerias — sete e meio o Gayarre e sete e meio a Pasqua, Sivori e o resto de graça — chega até a ser comico! — e em qualquer dos casos per-

der rios de dinheiro para obsequiar o publico, que lhe paga o obsequio em pateadas.

E' por isso, que dizemos que na noite da despedida do Gayarre nos despediremos na pessoa d'elle, de todas as celebridades lyricas europeas.

E' este o motivo que nos obriga a tratar amplamente a questão: não defendemos os interesses particulares d'um empresario, defendemos os interesses geraes do publico.

Se o governo agarrando-se a uma interpretação, tão absurda quanto inesperada, das condições do contracto, não prohibisse a elevação dos preços, e pelo contrario concedesse um augmento razoavel, e proporcional aos encargos do artista que a empresa tivesse que apresentar-nos, poderíamos ouvir em S. Carlos a Patti, a Nilsson, a Durand, a Albani.

Assim é perder-lhes as esperanças. A interpretação do contracto é a coisa mais absurda do mundo.

O contracto obrigando a empresa de S. Carlos a dar 120 recitas, com uma companhia composta de artistas de certa cathogoria, por um determinado preço, quiz simplesmente garantir ao publico 120 noites de theatro lyrico com uma companhia de primeira ordem, e por preços compatíveis com a bolsa do publico de Lisboa.

Dadas essas 120 recitas nas condições do contracto, a empresa cumpriu para com o governo os seus compromissos.

Depois a empresa pôde explorar o theatro como entender — contanto que não dê n'elle espectaculos indignos d'um r.^o theatro d'um paiz, caso previsto pelo contracto; pôde trazer as celebridades que entender e pelo preço que quizer.

O preço é elevadissimo? o publico que não vá lá. O governo não tem nada que ver com isso. O publico teve já as suas 120 recitas pelos preços marcados no contracto, e com a companhia n'elle indicada. É perfeitamente do livre arbitrio da empresa dar ou não dar mais representações, deve portanto, logicamente, ser do seu livre arbitrio, dal-as nas condições que entender. O publico nunca pode ser prejudicado com essas condições, visto que o empresario não tem o dever de dar esses espectaculos, e o publico tem o direito de não concorrer a elles. Portanto é absurdo que em nome do interesse do publico o governo se metta onde não é chamado.

Fóra das 120 recitas do contracto, tudo o mais é simplesmente entre o publico e o empresario, e gostavamos muito que nos mostrassem qual a logica, e quaes os raciocinios que podem justificar opinioes contrarias.

Temos gasto demasiado tempo e espaço com este assumpto. Não o lamentamos, porque além de não haver outros mais importantes, trata-se d'uma questão d'alto interesse para o publico, ouvir as grandes celebridades artisticas do mundo, ou ficar perpetuamente condemnado, ás condições do contracto do governo, que não podem deixar de ser restrictissimas, visto serem restrictas as vantagens que dá á empresa.

Ouviram o ultimo acto da *Favorita*? Podemos ouvir muitas mais vezes cantar assim, ou nunca mais. Depende tudo do governo. A questão sob o ponto de vista artistico vale bem a pena ser discutida, e urge que seja resolvida logicamente, sem pequices burocraticas, e attendendo unicamente aos interesses reaes das Bellas Artes e do publico.

Gervasio Lobato.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

(Conclusão)

«Em 1852 começou a desenvolver-se o principio da associação entre nós... apenas existia como associação popular a sociedade dos artistas lisboenses... Levantou-se o centro promotor, onde se reuniu uma pleiade de homens devotados... tendo á sua frente o vulto magestoso... Quando os estatutos das primeiras associações tiveram de obter a approvação... encontraram-se nas regiões do poder resistencias serias... Foi então que o presidente do centro promotor affiançou perante o... ministro do reino... as classes industriaes... depois d'estas affirmativas... o governo sancionou os primeiros estatutos.

«... Assim proseguiu Sampaio... protegendo os passos da associação... discutindo no centro as mais insuspeitas questões... como a dos cereaes... da instrução popular... das associações de classe... dos delegados industriaes á primeira exposição de Paris em 1858...»

«Não vou hoje á reunião das associações, escrevia Sampaio, ao seu indicado amigo, e não vou porque desejo que ellas deliberem sós, e livres de toda a consideração que poderia haver

se eu estivesse presente... A minha opinião é que n'ellas não deve entrar sombra de politica, e creio que a minha existencia no meio d'ella pode fazer radicar essa opinião que as prejudica a ellas sem de nada me servir a mim, porque *nem solliciter, nem sollicito, nem sollicitarei nunca cousa alguma politica das associações, que devem ser somente instrumento do seu desenvolvimento.*

E' que entre as suas virtudes a capital era — a abnegação.

O seu conselho, sabio e prudente, tão submissamente procurado, cedia, quasi sempre, na pratica ante a conveniencia do partido; a sua vontade, a sua opinião, depois de manifestada, submettia-se á dos que considerava chefes. Muitas vezes na imprensa sustentando a opinião do partido, se combattia a si mesmo.

E não era subserviencia, ou interesse; no tempo da sua maior importancia, soffreu inda duras privações. A *Revolução* foi sempre um dos jornaes mais pobres de Lisboa. Elle nunca consentiu que nenhum governo lhe desse o que se chama propriamente *subsídio*. O *difficil* do jornal era apertadamente supprido com donativos de alguns correligionarios. *Poz* termo a esta situação individual de Sampaio a sua nomeação para conselheiro do tribunal de contas em 1866.

Está publicada a carta que elle escrevera a Joaquim Antonio de Aguiar em 1866 quando lhe disseram que aquelle estadista o indigirara para ministro, e que o rei escrupulizara em o acceitar. «Creio que v. ex.^a fez uma indicação constitucional, e que o sr. D. Luiz usou franca e nobremente da prerogativa que lhe concede a carta. A confiança do rei nos seus ministros deve ser sincera e illimitada.

«Sou tambem muito franco, para declarar a v. ex.^a que folguei com a indicação do meu nome. No silencio que se tinha guardado para commigo, suspeitava-se que os correligionarios, a cujo lado tenho combatido, me julgavam inhabilitado para ser ministro, por ter ferido muitos dos contrarios. Magoava-me a lembrança de que eu era arredado do governo, por ter estado continuamente na brecha, por ter combatido, quando os outros descansavam ou affrouxavam, por ter conservado sempre accesso o fogo de Vesta, e o que ainda é mais pungente, o ser condemnado e proscripto, agora, por ter sido severo, quando no meio da lucta, era ás vezes arguido de ter demasiadas considerações e muitas condescendencias para com os adversarios. Aviltava se na minha pessoa a dignidade da imprensa, v. ex.^a aliviou-me d'este pezar, porque eu cheguei a acreditar nas suspeitas.

«A patria não perde nada, e eu lucro. V. ex.^a matava-me politicamente fazendo-me ministro. Sua magestade salvou-me fazendo crer a todos que eu era capaz de o ser.

Quebrou o encanto o duque de Saldanha, em maio de 1870, dando-lhe a pasta do reino no ministerio saído da sua pacifica revolta militar, uma das combinações engenhosas d'aquelle adoravel magithurgo politico, que tão dramaticas mutações produziu na scena do poder com o seu querer invicto e o prestigio do seu nome brilhante, e da sua formosissima cabeça. Sampaio foi ministro 9 dias. Não quiz sancionar a dictadura. Voltou ao poder em 13 de setembro de 1871. Saiu em março de 1877. Esteve ali novamente de 29 de janeiro de 1878 até 1 de junho de 1878. Em 25 de março de 1880 foi nomeado presidente de conselho de ministros — a mais elevada posição da hierarchia social e politica n'um paiz constitucional, tendo meio seculo de exercicio d'esta outra elevada magistratura social — a imprensa jornalística.

Com que valor elle sustentava nas cadeiras do ministerio os direitos dos pequenos, e dos humildes! Os que o conheceram na intimidade da secretaria assignalam-o como um dos homens mais dignos que se sentára na cadeira de ministro. Ahí era demasiadamente tímido para a sua alta comprehensão dos negocios; dederia ao illustre estadista que aca ava como chefe do partido, e de cujas faculdades formava conceito que se convertia ás vezes em dogma, a solução de muitos negocios, até de importancia secundaria. E gloriava-se d'essa subordinação.

E certo porém, que em algumas occasiões elle se recusava ceder a sollicitações de certos politicos que não capazes de pedir o sol e a lua; e só com a saneção do chefe do partido, em nome das conveniencias partidarias, concedia a pretensão. Em outro lugar referimos já como a um *importante* que vencera as eleições municipaes a favor do governo na segunda cidade do reino, e que lhe pedia para um amigo uma medalha do merito, phylantropia e generosidade, negava elle energicamente essa graça, bradando:

— Esta, que não está ainda corrompida, dei-

xem-m'a para os meus pescadores, e os meus bombeiros, que realmente arriscam a sua vida para salvar a dos outros! Dou-lhe a ordem de Christo, a da Conceição, até a da Torre Espada. A medalha da phylantropia, não lh'a dou.

— Não lá fazer serviços a um governo assim! recusa-me uma insignificancia d'estas, que se dá ahí a toda a gente!

— Pois eu só a darei a quem a merecer! E demais os proprios documentos, que instruem o processo, provam em contrario do requerente, que não salvou os homens, como allega. Um jornal junto diz que elle apenas lhes deu a mão para subirem da praia, onde estavam salvos, para a sua propriedade, e lhes mandou accender lume para se aquecerem. Isto é uma cousa que se elle não a fizesse merecia ser corrido a pau!

A isto chamavam *puerillidades*. Nós diríamos rasgos de virtude infantil. A sua carreira ficou semeada d'estas flores de delicado perfume.

Pela reforma da instrucção-primaria obrigatoria e devolvida aos municipios, e pelo codigo administrativo tinha affectos de pae.

Quando foi á sociedade de geographia inaugurar, como decano e presidente, a associação dos jornalistas e escriptores, a 10 de junho de 1880, dia do solemne tricentenario de Camões, disse quando ia abrir a sessão:

— Os rapazes, no seu entusiasmo de mocidade, cuidam que eu, por ser o decano, uma especie de pae avô dos jornalistas, já não tenho fogo para estas folias; pois meus meninos ainda os desafia a saberem de cór mais Camões do que eu.

Pinheiro Chagas referiu alguns rasgos da sua memoria opulentissima; entre elles o verso em resposta a um distincto orador parlamentar que o accusava, quando ministro, de excessivo amor a um governador civil: — «V. Ex.^a ha-de morrer com elle.»

— *Il m'est plus doux.*

De mourir avec lui, que de vivre avec vous!

Não era notavel orador, mas a sua voz vibrava d'estes dardos fulminantes.

Na intimidade era sempre jovial. Na familia, amavel, simples, infantil.

O seu desejo era vêr todos fartos e contentes. Não comprehendia a sua felicidade sem que a completasse a dos que o amavam e tinha justo desvanecimento, que mal distarçava, em se vêr cercado de senhoras espirituosas e elegantes, como as suas netas adoptivas, e rapazes de elevado talento, como seu neto Jayme Seguer, um dos mais notaveis talentos da moderna geração litteraria.

A todos estes encantos de seus ultimos dias se fecharam cedo os seus olhos, vendo ainda muitos arrasados de lagrimas, em quanto o seu espirito se sumia, quando já começavam a encher a camara mortuaria as vozes da glorificação extraordinaria que a justiça dos contemporaneos fez aos meritos e serviços do jornalista, e ás virtudes do cidadão.

Essa justiça acode mais cedo na morte aos que mais despresou na vida.

Eduardo Coelho.

DE COMO TIVE UM D. MANUEL DE PRESENTE

(Continuado no numero antecedente)

Na manhã immediata, depois de almoçar, puz o meu chapéu, e fui direito ao Museu Carrer, como quem trata de se despachar quando antes de um lance delicado. Veneza não me pareceu tão formosa n'aquella occasião; dava-lhe muito o sol, como que a allumiar-lhe as ruínas:

— Vamos! disse commigo. E preciso trabalhar todo o dia, hoje, por honra da firma; á noite, se Deus quizer, verei Veneza outra vez, os raios da lua a reflectirem-se nas ondas pequeninas dos canaes, como se dessem em esmeraldas, e a cidade a erguer-se, de encanto, por entre esta serenidade admiravel; agora, archivo, Barrozzi, lapis, papel, e um Dom Manuel me esperam; coragem!

Davam dez horas no sino de uma egreja, quando, entrando no gabinete do sr. Nicolo Barrozzi, lhe dei os bons dias.

— Bravissimo! exclamou elle. Excelente hora. Não percamos tempo.

O archivo mettia medo, de manuscritos guardados em innumeraveis estantes. O Barrozzi, ora tocando n'um raio das estantes, ora abrindo uma gaveta, ora puxando um rolo, ora desanilhando papyros e deitando a mão a um embrulho, principiou por me mostrar algumas cartas, de entre muitas que lá estão dos nossos reis. Escreviam mal, aquelles monarchas, que não se pôde

fazer idéa. Só visto!) D'essas correspondencias se observava interessantemente, haver sempre tido a republica veneziana boas relações com Portugal, não tendo embaixadores permanentes, mas mandando-os em sendo precisos. Lá estava uma memoria inedita do dr. Erizzo ácerca das relações de Veneza com Portugal, e um trabalho de Bartholomeu Cechetti, *Visita agli archivi della republica di Venezia*, onde se encontra noticia de varias curiosidades do archivo, entre as quaes muitas ha que teem referencia á nossa terra. Teve sempre a republica um consul em Lisboa, que escrevia ao senado tudo o que acontecia por cá. Por espaço de dois seculos foram estes consules de uma familia de apellido Moura, que se extinguiu n'este seculo, deixando uma galeria de quadros notabilissimos, que pertence hoje a duas familias venezianas, a familia Sacchi e a familia Sernaggiotti. Ninguem pôde dizer que não haja de sorver com gosto a pocira de manuscritos, uma vez mettido n'ella, e vendo-a espalhar-se de papeis que digam respeito a gente e coisas de sua patria; isso me succedeu, a mim, que principiei n'aquelle dia (é verdade que n'esse mesmo dia acabei) a tomar tal gosto em vasculhar todos os armarios suscitados de arrecadarem noticia referente a Portugal, que o secretario do Museu Carrer mostrou-se muito mais contente de mim do que eu cuidava poder merecer.

— Eis! exclamou, segurando um rolo de antigos manuscritos. Sentemos-nos junto da janella. Gozemos primeiro, isto aqui. Corra com a vista esses papeis, a ver se entende tudo. É a informação circumstanciada das aventuras d'um principe portuguez. Olhe com attenção! Com at'enção, meu amigo...

Poucos instantes haveriam decorridos depois que eu estava de nariz em cima da papelagem, quando — chegava a parecer maleficio, que, por feiticaria me quizessem fazer! — uma gondola, que vinha sulcando lentamente as ondas, me trouxe ao ouvido a toada, de principio longiqua e confusa, de uma canção. No andar caprichoso da gondola havia certa ligeireza, em que se adivinhava o remar de uma rapariga; e vinha effectivamente no barco, e sosinha, uma mulher nada feia; e com uma voz de vibrações encantadoras que se casavam com o murmurar da agua de encontro ao bote; — era de a ouvir e chorar por mais. O barco passava, mesmo encostado á casa onde nós estávamos. O Barrozzi franzira levemente o sobreolho ao ver-me levantar a vista dos papeis; mas enchi-me de coragem para não me debruçar a olhar para a moça quando a gondola ia a dar a volta e a sumir-se, e, continuando a leitura, ao tempo a que já o sulco da barca e a canção da bella se haviam extinguido, como se eu tivesse sonhado com aquella figura e bilita, de cabello solto, espalhado ao vento, balançando o corpo, a puchar pelo remo como se fosse a bailar, disse serenamente ao erudito secretario: — Este D. Manuel, pelo que vou collegindo, correu as sete partidas...

— É o que cumpre averiguar escrupulosamente, até onde fór possível chegar em investigação. Entreter-nos-hemos n'isso. Não lhe faliam ahí papeis e todos de fé e authenticidade. Não traslade; escolha, de todos os manuscritos, que, ahí, lhe apresento, as partes que lhe convenham e agradeam para uma qualquer noticia que queira dar de tal assumpto. Por poucos dias que ainda se demore em Veneza, empregue duas ou tres manhãs n'isto. Vale a pena, se não me engano. Algumas participações e duas ou tres copias de escriptos em resposta, são em italiano, — e que italiano! será necessario que eu lh'as traduza. Diligencieie encontrar n'essa multidão de papeis a relação, que liga umas cousas com as outras. O aparelhamento d'isso, é o que mais custa. Sente-se a esta mesa, e sirva-se das divisões da es'ante para accommodar melhor os manuscritos. A obra! Aponte tudo o que se lhe figure curioso. Quando encontrar duvida, digam'o. Não me tiro d'aqui. Depois fará selecção; mas, vá apontando... É o romance de um portuguez, que andou, quasi toda a sua vida, correndo aventuras por terras estranhas; e era filho de D. Pedro II; e era irmão de D. João V, esse portuguez!

Principiava, confesso, a captivar-me de curiosidade, o caso.

Fui sentar-me, dispuz cautelosamente os papeis, preparei-me de lapis e pequenas tiras de papel para apontamentos, colloquei devidamente uma pequena estante destinada a expôr e segurar as folhas á proporção que as consultasse, e, fazendo o meu comprimento a Barrozzi, esqueci-me de tudo o mais e tratei apenas do que vaci-se.

(Con'tinua)

Julio Cesar Machado.

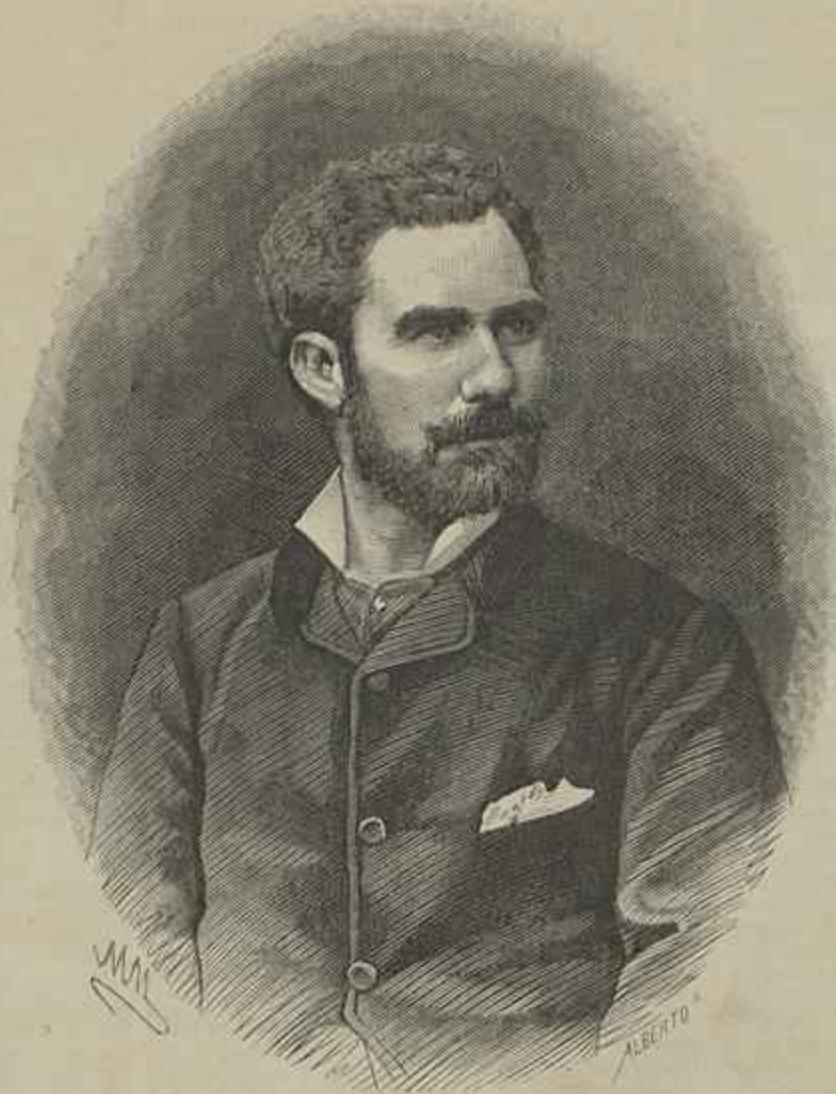
AS NOSSAS GRAVURAS

LUCINDA SIMÕES

O *Ocidente* publicando hoje o retrato de Lucinda Simões, parece abrir uma excepção nas suas paginas illustradas, — excepção justificadissima para uma actriz excepcional como Lucinda Simões — mas não abre: cumpre testualmente o seu programma. A reaparição da grande actriz portugueza em Lisboa, foi um acontecimento na nossa terra, e por isso nós publicando o retrato de Lucinda Simões registamos esse acontecimento como é nosso dever, dando o retrato d'essa actriz gloriosa, que apesar de portugueza, fez da sua apparição no theatro dos Recreios, o facto dominante da vida artistica de Lisboa n'estes ultimos tempos, e prestamos uma homenagem extraordinaria a uma artista que tambem o é.

E não escrevemos ao acaso este adjectivo por um exagero de rhetorica por um luxo d'estylo, escrevemol-o porque é o unico que se pode applicar a Lucinda Simões tanto ella se eleva fóra da esphera das grandes actrizes nossas e das grandes actrizes estrangeiras que temos applaudido, excluindo Sarah Bernhardt que marca lugar á parte, que é tambem uma excepção no mundo artistico.

E de todas as actrizes que conhecemos a unica que no seu genero não empallidece ao lado da colossal actriz franceza, é Lucinda Simões, por que é tambem uma organisação excepcional, uma d'essas individualidades artisticas pro-



O TENOR JULIAN GAVARRE

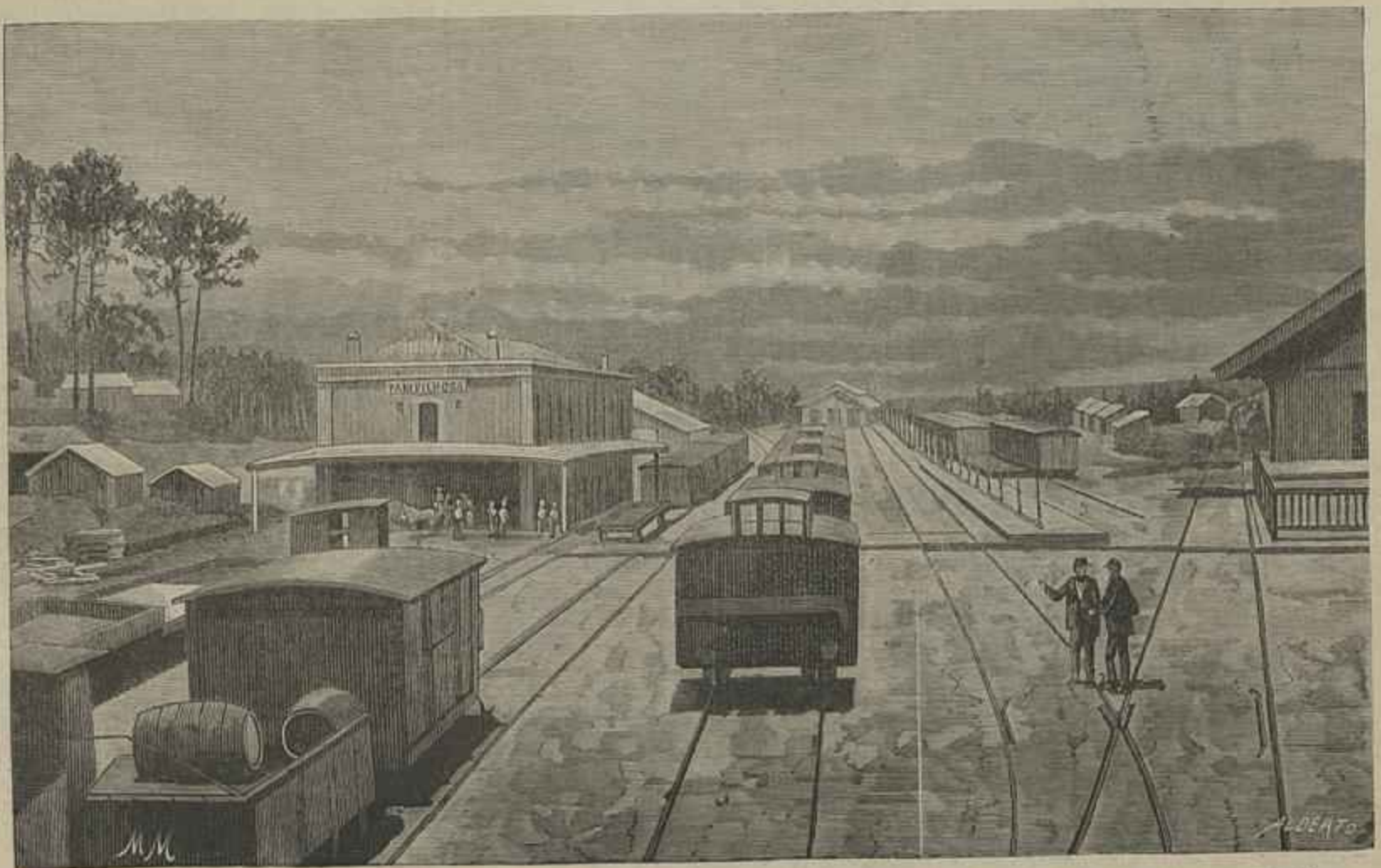
(Segundo uma photographia de Borelli)

digiosas que marcam epoca na historia do theatro.

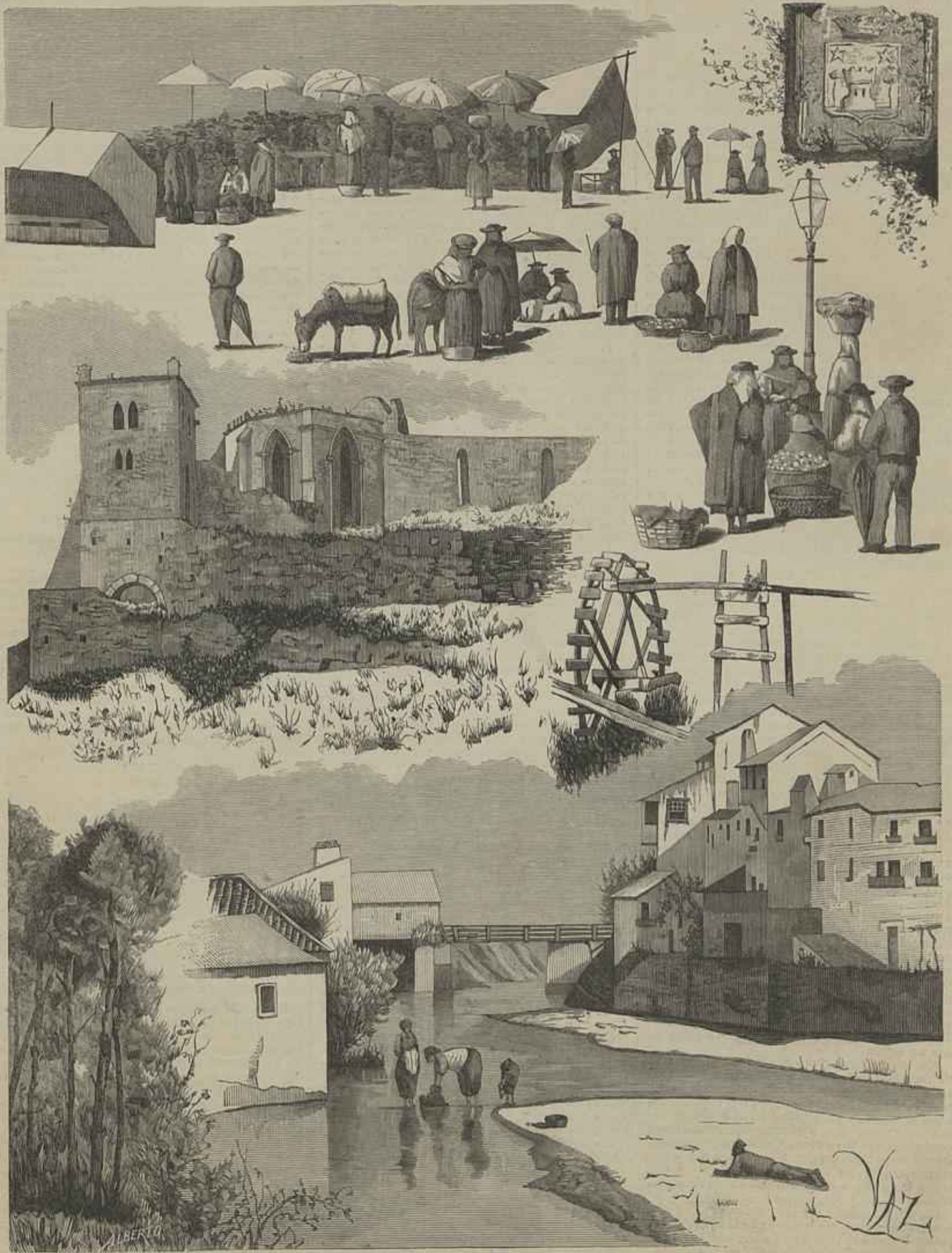
Nenhuma actriz pelo seu talento extraordinario, pela sua alta illustração, pela sua elegancia suprema, pela sua beleza tão *exquisito* e distincta, junta á biographia artistica mais elementos, para que essa biographia seja um delicioso trecho para paginas de fulgurante prosa; a analyse mesmo rapida das criações scenicas mais notaveis de Lucinda Simões dava ensejo para se escreverem umas poucas de paginas sobre a arte dramatica, no que ella tem de mais sublime, a aliança suprema de todas as grandes qualidades intellectuales com as privilegiadas qualidades phisicas, que permittem a realisação completa e maravilhosa das mais famosas concepções de dramaturgos, mas as condições muito restrictas do *Ocidente*, obrigam-nos a não tentar esse trabalho difficil mas encantador, e a acompanhar simplesmente o retrato da gloriosa actriz, com as notas biographicas que prendem ao nosso mundo humano, essa que tem sido na esphera luminosa da arte a *Dalila*, *Mademoiselle de la Teglière* a *baroneza d'Auge*. Portanto vamos ás notas biographicas.

Lucinda Simões nasceu em Lisboa aos 17 de dezembro de 1850.

Seu pae, o estimado actor Simões deve-lhe uma educação esmeradissima, e não a destinava para o theatro. Mas, a vocação, o demonio da arte impellia Lucinda para a scena, e aos dezeseis annos, n'uma recita de curiosos, Lucinda cujo talento e disposições para o theatro eram



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — ESTAÇÃO DE PAMPILHOSA, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA (Segundo photographia de E. Bis)



EM LEIRIA. APONTAMENTOS DO NATURAL, POR J. VAZ

já notáveis, conseguiu que seu pae consentisse em representar com ella duas comediasinhas, não como perfacio de futura carreira; mas simplesmente como um passatempo, a exhibição de talentos da sociedade. Essas comedias foram o *Cão e o Gato* e o *Amor Londrino*.

Lucinda foi muito applaudida, e a sua inclinação para o theatro tornou-se em paixão violenta, com que seu pae não teve remedio senão transigir, transigencia de que a Arte lhe deve ser gratissima porque lhe deve a sua mais brilhante gloria no nosso paiz.

Efectivamente em 1867 Lucinda Simões debutou como actriz. A peça da sua estreia foi um drama do sr. Manuel Domingos dos Santos, *Bem-vinda ou a Noite de Natal*, drama dedicado a S. M. a Rainha Sr.^a D. Maria Pia.

A estreia de Lucinda foi notavel, o desempenho excellente do seu papel n'esse drama, valeu-lhe muitos applausos do publico e uma prenda da Rainha, uma pulseira, recompensa do bello trabalho que a nova actriz fez na peça que lhe era dedicada.

De então até 1870 Lucinda Simões fez parte da companhia do Gymnasio representando com applausos os papeis d'ingenua em muitas peças, entre ellas o *Lago de Kilarnay* e a *Pastora dos Alpes* que tiveram grande successo.

O genero de Lucinda porém não era esse; ella sabia-o, mas seu pae queria que ella fizesse as ingenuas dramaticas e então fazia-as. Mas promettera a si propria, logo que, mais actriz, se emancipasse da tutela artistica, a deixar as ingenuas pelos dramas de comedia; e effectivamente o ultimo papel que creou no Gymnasio foi um papel de alta comedia, a baroneza da comedia de Teixeira de Vasconcellos o *Dente da Baroneza* e teve n'elle o seu primeiro grande triumpho.

Em 1870 sahio do Gymnasio e foi para o Porto com seu pae. Fez ali uma epocha e em abril de 1872 partiu para o Brazil. Portugal mandava para o Brazil uma actriz muito apreciavel, o Brazil reenviou-lhe d'ahi a dois annos uma grande actriz.

Em outubro de 1872 Lucinda Simões casou no Rio de Janeiro com o illustre actor portuguez Furtado Coelho, uma gloria theatral do nosso paiz, que tem passado toda a sua brilhante vida artistica fora d'elle.

Furtado Coelho, mestre consummado, transformou completamente a actriz da *Pastora dos Alpes*, Casada, Lucinda entrou corajosamente no grande repertorio moderno, e foi ali que começou a conquistar os seus grandes triumphos artisticos, a sua enorme nomeada.

Lucinda Simões fez fanatismo no Brazil. A Portugal chegavam de vez em quando os eccos dos seus colossaes successos, e quando em fevereiro de 1875 Lucinda Simões reapareceu em Lisboa, no velho theatro das Variedades a representar *Dalila* o publico quasi que não reconhecia já na grande actriz, que tão rapidamente se elevara acima de todas as nossas grandes actrizes, a gentil debutante do Gymnasio.

Essa epocha que Lucinda e Furtado fizeram nas Variedades foi um dos maiores triumphos artisticos da nossa terra.

O theatro das Variedades, o ultimo theatro de Lisboa, com uma companhia de ultima ordem, uma má companhia de magicas populares, foi n'esse anno o theatro da moda.

Lucinda e Furtado fizeram o milagre de obligar a sua companhia a representar as obras primas do repertorio moderno as peças de Sardou, de Feuillet, sem ser ridicula; o talento extraordinario de Lucinda fez com que o ultimo theatro de Lisboa fosse o primeiro, e ao passo que todas as casas elegantes de espectáculo estavam ás moscas, as Variedades tinham enchentes todas as noites.

Em 1876 Lucinda com seu marido tornou a partir para o Brazil. Andou por lá seis annos n'uma série não interrompida de triumphos e agora depois de fazer a sua terceira viagem pela Europa fixou a sua residencia em Lisboa e appareceu nos theatro dos Recreios, assombrando-nos com o seu talento extraordinario, surpreendendo-nos maravilhosamente com os progressos imprevistos, que fez na arte, aquella que ha seis annos julgavamos já ter attingido a maxima perfeição.

Em 1875 Lucinda era já superior, na comedia, a todas as nossas melhores actrizes: hoje é superior á Lucinda d'então; é o seu maior elogio.

A *Dalila* nas Variedades mostrou-nos a grande actriz: o *Demi-monde* nos Recreios mostrou-nos a actriz excepcional. A mulher e actriz estão n'ella agora em toda a plenitude das suas graças e do seu talento. A baroneza d'Ange por Lucinda Simões é a criação mais completa, ir-

reprehensivel e brilhante, que do nosso tempo temos visto no theatro portuguez. As suas representações nos Recreios estão sendo um acontecimento artistico de primeira ordem.

Registramol-o com prazer e com orgulho, porque uma artista *hors ligne* como é Lucinda Simões é mais do que uma gloria artistica, é uma gloria nacional.

G. L.

JULIAN GAYARRE

A critica musical é de todas as especies de critica aquella a que se torna mais difficil de proceder acertadamente, com inteira justiça, por se applicar a uma arte que actua profundamente sobre a sensibilidade. A escultura, a pintura, a litteratura em todos os seus variados ramos, impressionam tambem a imaginação, mas menos vivamente do que a musica, por despertarem primeiro a attenção do espirito. E é preciso ter uma pratica aturada e um estudo profundo para poder apreciar de momento os multiplices e variados phenomenos que a musica produz em nós. D'ahi provem muitas vezes a incerteza nas apreciações musicas, que é tanto maior quanto é bem certo que todos se julgam aptos para fallar de uma arte de tão complicada analyse.

Entre as difficuldades que a critica n'este sentido offerece ao escriptor, não é de menos importancia a de ter de apreciar muitas vezes um cantor notavel só pela primeira audição. E nós, que não temos a minima pretensão de figurar no numero dos criticos, somos convidados para escrever algumas linhas a proposito do tenor Gayarre, tendo-o apenas ouvido n'uma recita. Por isso quasi que nos limitaremos a apresentar alguns dados da sua biographia artistica, sem mesmo entrar em promenores, que por certo seriam interessantes, pois poucos romances e poemas offerecem episodios tão variados e que tanto despertem a curiosidade como a historia dos *virtuosos* e dos artistas celebres.

Julian Gayarre é considerado um dos primeiros cantores da actualidade. Oriundo das provincias vascongadas, começou ainda novo os seus estudos em Madrid, completando em Italia a sua educação musical, tão cuidada, como raro se encontra hoje na maior parte dos cantores. No conservatorio d'aquella cidade foi na arte de canto discipulo de Flavio, *virtuose* distincto, de quem adqueriu o phraser largo e correcto, a arte das *nuances*, a das modulações, em que principalmente se distingue dos cantores modernos.

A sua estreia como tenor de opera italiana realisou-se em Varese, pequena cidade de Italia. Gayarre foi ouvido ali com muito agrado no *Elisir d'amore*, e esse acolhimento lisonjeiro fez com que elle obtivesse seguidamente escripturas para Treviso, Parma, Cremona, e para o theatro *Carcano* de Milão, passando depois a figurar em scenas lyricas de maior nomeada, no *Apollo* de Roma, no *Carlo Felice* de Genova, e no *Comunale* de Bolonha. O exito que obteve n'esses theatros valeu-lhe excellentes contractos para S. Petersburgo, Moscow e Vienna d'Austria, voltando depois a Italia para cantar na Scala, onde confirmou plenamente a reputação de que ia precedido, o que lhe valeu a reconducção para a epocha immediata e a offerta de escripturas importantes, resolvendo-se Gayarre a aceitar a que lhe propunha o empresario Ferrari, para o Rio de Janeiro e Buenos-Ayres. De volta a Italia foi escripturado na primavera seguinte para o *Covent-Garden*, de Londres, e desde então tem reaparecido ali todos os annos. Em Madrid foi alvo das mais entusiasticas ovações durante tres epochas successivas, ganhando avultadas sommas. Vaucourbeil propoz-lhe para ir cantar na *Grand-Opera* de Paris, de que é director, a parte de tenor da nova opera de Ambroise Thomas, *Françoise de Rimini*, mas o notavel compositor francez exigia que Gayarre cantasse primeiramente n'um ensaio para poder ajuizar do merito do festejado tenor, que entendeu não dever sujeitar-se a essas exigencias, recusando o contracto que lhe era offerecido.

Gayarre tem alcançado a sua reputação em operas de caracter differente, porque a sua voz presta-se tanto ao genero dramatico como ao ligeiro. Participa ainda d'aquella tempera excepcional dos antigos *virtuosos*, que cantavam alternadamente o *Guglielmo Tell* e a *Sonambula*, o *Otello* e o *Barbiere di Siviglia*, a *Norma* e o *Elisir d'amore*. Os estudos rigorosos que fez permittem-lhe vencer com espontaneidade, sem esforço visivel, todas as difficuldades, e por tal modo está familiarisado com a arte das modulações que ha de sempre tirar partido de qualquer composição confiada ao seu desempenho.

Das operas que constituem o seu repertorio,

aquellas em que mais tem brilhado, são: *Favorita*, *Puritani*, *Ugonotti*, *Africana*, e *Lohengrin*; tendo-se tornado tambem notavel no *Profeta*, no *Freysschutz*, no *Fausto*, na *Lucia*, na *Lucrezia*, no *Rigoletto*, no *Elisir d'amore*, no *Tannhauser* e em outras mais.

A sua voz bem caracterizada de tenor, extensa, e facil na emissão, um pouco nasal no centro mas de timbre agradável, clara e limpida nas notas agudas, allia o phraser largo, a correcção no canto, a maneira de bem o accentuar, e a facilidade e a perfeição em *smorzar*, no que é verdadeiramente insigne.

E todos que assistiram á estreia do notavel tenor em S. Carlos, na parte de *Fernando da Favorita*, poderam reconhecer aquelles dotes que o distinguem e que lhe dão a primazia sobre a maior parte dos cantores modernos. Na *romança* da primeira parte do 1.^o acto, *Una vergine*, alcançou desde logo os applausos espontaneos e entusiasticos do publico, que costuma ser sempre reservado nas estreias dos cantores, embora elles venham precedidos de grande nomeada; no duetto d'esse acto, com o meio-soprano, desperitou tambem bravos sinceros; mas os espectadores esperavam impacientes pelo *Spirito gentil*, porque todos sabiam que era esse um dos trechos em que Gayarre tinha adquerido maior reputação. Com effeito a execução ali foi um primor, como raras vezes se ouve no theatro, um encanto, que o publico não quiz interromper, ouvindo-o no mais silencioso recolhimento, mas de que depois pediu a repetição em phreneticos applausos. Gayarre os'entou n'aquella *romança* as suas qualidades artisticas mais salientes, mas não foi menos feliz no duetto final da opera, em que arrebatou o publico nas phrases:

Nelle sue sale il Re Coppella
D'oro e d'infanzia li coprira
Al fianco suo sarai più bella
Tuo nome infame ognor sarà

ditas por modo altamente dramatico, com rara accentuação, com a expressão dilacerante e commovedora que aquelle trecho requer.

A estreia de Gayarre em S. Carlos marca mais uma data gloriosa na sua carreira artistica, hoje em todo o esplendor. Nas vinte recitas para que foi contratado em Lisboa ha de ainda fazer-se ouvir em alguns dos melhores papeis do seu repertorio, no *Rail dos Ugonotti*, no *Arturo dos Puritani*, no *Giovanni de Leida* no *Profeta* e no *Gemaro da Lucrezia*, que serão por certo outros tantos triumphos, como o tem sido nas principaes scenas lyricas em que tem revelado o seu excepcional merito, as suas raras qualidades de cantor, que o tornam hoje um dos primeiros *virtuosos* do mundo.

Wedel.

LEIRIA

A nossa gravura representa varios pontos de Leiria e varios typos d'essa velha cidade, o mercado, vendedores e compradores com os seus trajos caracteristicos uma parte das ameias do celebre castello, e uma vista das margens do rio Liz. No n.^o 55 do *Occidente*, 3.^o vol. anno de 1880, publicamos, acompanhando um desenho do *Castello de Leiria* por A. Keil, um artigo a respeito d'esta antiga cidade. Reenviamos a elle os nossos leitores.

O desenho que hoje publicamos é devido ao lapis correcto e festejado do já distincto pintor o sr. João Vaz.

MARCOS POSTAES

Depois da adopção do sello postal, para que esta innovação produzisse todas as vantagens que d'ella se deviam derivar, foi preciso que se multiplicassem extraordinariamente os receptaculos de correspondencias, postos á disposição do publico. Quasi coincide, pois, com a invenção do sello a grande extensão que se deu ao systema das caixas do correio, com as quaes se principiam a doptar as cidades e villas importantes.

Isto que succedeu em toda a parte, succedeu tambem em Lisboa, e por toda a cidade se acham ha muito collocados esses receptaculos de forma rectangular, de ferro ou madeira, aonde o publico vai confiadamente deitar as suas correspondencias. Ultimamente, porém, deram os jornaes noticia de que algumas caixas do correio tinham sido violadas. Pouco tempo depois d'estes factos, via o publico de Lisboa collocar em algumas praças uns marcos de ferro, pintados de vermelho, muito vistosos, com uma fenda horizontal na parte superior, por baixo da fenda uma porta fechando com segurança por meio de chave, e um pequeno quadro branco indicando as horas da tiragem das correspondencias.

Esses marcos, de que a nossa gravura dá uma perfeita idéa, são os marcos postaes, receptaculos para correspondencias, novos no nosso paiz, antigos na França, na Allemanha, na Inglaterra, — onde são conhecidos pelo nome de *pillarboxes* antigos — e principalmente na Belgica, que foi o primeiro paiz a adoptal-os.

Como todas as novidades, o marco causou entre nós estranheza, alguns espiritos engraçados motejaram da inovação, outros espiritos positivos, condemnaram-n'a por ser cousa que em razão da sua solidez e boa construção devia custar muito dinheiro. Pois uma das melhores qualidades que elles teem é serem fortes, bem construídos, para duração, fechando com uma segurança que desafia os gatunos, que facilmente abriam as caixas antigas.

Quanto ao seu custo, não é tão avultado como se poderia crer, porque saíram a pouco mais de vinte mil réis cada um.

Foram feitos na officina de Handyside de Londres, e vieram quarenta e dois, dos quaes só se acham collocados uns doze.

Parece que a idéa da administração do Correio é prescindir das caixas do antigo systema, logo que estejam collocados todos os marcos de que dispõe.

Segundo nos consta, já estão designados alguns locais para os marcos que ainda restam, sendo por exemplo, entre outros, um no largo do Loreto, e outro nas proximidades da administração d'este periodico.

Na opinião dos entendidos, em vista da segurança que os marcos postaes offercem, deve o publico de preferencia confiar-lhe as suas correspondencias, e embora esses receptaculos postaes não representem uma medida das mais ruidosas, representam com certeza uma das medidas verdadeiramente uteis e acertadas da actual Direcção dos Correios do nosso paiz.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

(Continuado do n.º 139)

O viaducto de Breda que se segue a pouca distancia é tambem metalico, composto de tres tramos e da extensão de 143 metros.

Segue-se a este o do Criz, formado de cinco tramos, tendo de extensão 221 metros; pouco adiante passa-se um pequeno tunnel de 40 metros e aberto inferiormente á estrada do Coval.

Vem depois o viaducto do Coval, todo construido de granito. É formado por oito arcos, sendo a sua altura acima da superficie do fundo do valle de 36 metros. Tem o viaducto 131,50 de extensão sendo parte d'elle em curva de 400 metros de raio. É uma obra importante e de bonito aspecto, como se pode ver a pag. 245 do nosso n.º 139.

Entre este viaducto e o do Dão foi cortada uma unica trincheira no sitio do Cabril.

Assim como no tunnel de Monte de Lobos, houve necessidade n'esta trincheira de proceder a trabalhos dificeis e dispendiosos para evitar o desabamento das terras e prover á sua segurança. A qualidade do terreno n'este ponto é, como alem, muito desagregavel. Depois de muito trabalho e dispendio, julgou-se prudente e conveniente construir uma abobada d'alvenaria de 40 metros de comprimento; não foi sufficiente. Ao terminal-a deu-se o receitado desabamento, que destruiu em poucos momentos aquella obra, sob o peso de parte da montanha que esbarrandou sobre ella. Pode-se calcular os trabalhos de desobstrução e consolidação que foram mister para remediar este desastre.

Ao fim d'esta trincheira está lançado o viaducto do Dão (Veja pag. 188 do nosso n.º 132).

É um viaducto tubular e tem 220,50 de comprimento, e a altura dos carris acima do leito do rio é de 50 metros.

O Dão correndo no fundo por um leito pedregoso, coberto de plantas trepadeiras, offerece um ponto de vista de magestosa belleza.

A dois kilometros do viaducto encontra-se a estação de Santa Comba-Dão, só para passageiros e de 3.ª classe.

Sa'indo-se da estação o terreno é mais macio e menos accidentado, com quanto continue a linha sempre em rampa. Interrompem-se aqui as grandes obras d'arte. Assim se vai subindo sem difficuldade passando a estação do Carregal do Sal de 4.ª classe, e os apeadouros de Oliveirinha e Cannas de Senhorim.

Seguem-se depois as estações de Nellas e de Mangualde. A tres kilometros adiante d'esta passa a linha o tunnel de Mourilhe, que tem 219 metros de extensão em linha recta.

(Continúa.)

J. B.

SUCCESSOS DO EGYPTO

IX

Em resultado d'estas carnificinas reuniu-se definitivamente em Constantinopla uma conferencia, composta dos embaixadores das seis grandes potencias.

A Inglaterra e a França, de accordo, tinham tomado desde muito tempo a iniciativa em todas as demonstrações diplomaticas, havidas até ahí, junto á côrte do sultão, coube-lhes tambem apresentar as propostas que julgaram convenientes fossem tratadas pela conferencia.

O ministro inglez, lord Dufferin, expôz que era innegavel que desde alguns mezes a anarchia reinava no Egypto. Que uma facção militar, sem sequer disfarçar os seus designios, como é de uso em taes occasiões, caminhara de violencia em violencia, fazendo succeder a insurreição á insubordinação, a revolta á insurreição, e a usurpação do supremo poder á revolta. Em virtude d'estes factos a administração caíra na desordem, as operações commerciaes paralyzaram, o fellah, não achando a quem vender os seus productos, não tinha com que pagar os impostos, e os rendimentos do Egypto se achavam, portanto, comprometidos. Este estado de cousas tinha posto em perigo os interesses commerciaes, nos quaes tinham tamanha parte os subditos de muitas potencias europeas. Ainda aqui não ficava tudo, pois que os compromissos especiaes, que a França e a Inglaterra tinham formado com o Egypto, haviam sido desprezados, os funcionarios, encarregados da sua execução tinham sido excluidos do *controlle* (fiscalisação), que deviam exercer, e o systema, que tantos e tão uteis serviços tinha já prestado aos laboriosos cultivadores do Egypto, fôra aniquilado.

Mas isto era apenas uma parte da deploravel situação que excitava as inquietações da Europa. Não era só o credor publico quem soffria; as propriedades e a vida de todos os europeus estavam constantemente em perigo. Uma triste e evidente prova d'este perigo, era ainda recente. O ataque e matança de grande numero de europeus em Alexandria, determinaram a fuga de milhares de individuos, que, abandonando o paiz, se viam arruinados. Uma tal situação exigia remedios promptos e energicos.

Os representantes do governo ottomano, verdade é que affirmavam que a crise acabara, que as desordens tinham cessado, que se formara um novo ministerio, que a auctoridade do Khediva estava em caminho de completo restabelecimento, em uma palavra, que estava acabada a questão egypcia. O representante da Inglaterra não podia deixar de caracterisar esta maneira de representar as coisas, senão como uma impudente falsificação da verdade, opinião que em termos cortezes, mas explicitos, já havia manifestado a Said-pachá (o ministro do sultão). O pretendido governo, que havia substituido o antecedente, era o mesmo governo de Arabi e dos seus camaradas da revolta. O proprio Dervish-pachá informara o governo do sultão, que elle era apenas uma outra forma da revolta triumphante, que Arabi continuava a ser o senhor do Egypto, e que nem elle Dervish-pachá, nem outro qualquer, segundo o seu parecer, poderia obter cousa alguma do usurpador, a menos que não fosse apoiado, nas suas exigencias, por um corpo de tropas.

Lord Dufferin, dizia, se era possível que as potencias da Europa continuassem a consentir um tal estado de cousas, n'um paiz com o qual uma grande parte d'ellas tinham relações commerciaes tão importantes, e onde residia numero tão consideravel de seus nacionaes, e cuja tranquillidade era tão necessaria á paz geral. Em todo o caso a Inglaterra e a França não o podiam consentir, e a presença dos ministros das outras potencias na reunião era uma resposta sufficiente á sua pergunta, porque a conferencia tinha sido convocada depois da constituição do novo governo egypcio, que elle classificava de ministerio de comedia, o qual pretendia então regular os negocios do Egypto. E desde que todos concordavam em reconhecer o mal, era mister procurar-lhe remedio, sendo raro, desgraçadamente, que chagas similhantes, possam curar-se sem recorrer a expedientes, aliás lastimaveis.

Uma cousa porem era clara, necessitava a Europa mostrar-se unanime nas suas resoluções, e a conferencia fazer todo o possível para chegar a um accordo. Auctorizado a mostrar a maior deferencia pelo parecer dos seus collegas, fazia-o com o maior praser, pelo respeito que lhe mereciam a sua intelligencia e experiencia dos negocios. Via que o encargo que tinham a cumprir se devia dividir em duas partes: a primeira de caracter mais instante e mais pratico respei-

tava ao presente, a segunda que se referia ao futuro podia ser estudada mais de espaço. A primeira consistia em estabelecer desde logo e com segurança um governo verdadeiro e normal no Egypto, que reconhecesse sinceramente a auctoridade do Khediva, que tivesse vontade e poder de respeitar as obrigações internacionaes do paiz, manter a ordem, e assegurar a vida e os bens dos europeus. A segunda parte seria tomar medidas convenientes para impedir, de futuro, a repetição dos deploraveis acontecimentos, que haviam determinado a reunião da conferencia. Não entrava nos pormenores das medidas a tomar, parecendo-lhe que a idéa capital era que o sultão, cuja posição como suzerano do Egypto é perfectamente reconhecida, fosse convidado, sob condições cuidadosamente definidas e especificadas, a emprender o restabelecimento da auctoridade do Khediva.

Esta proposta foi apoiada pelo representante da França, mr. de Noailles, que mostrou, com bastante energia, que a Europa não podia aceitar o estado actual das cousas, e que do plano a seguir n'este assumpto, se deviam eliminar desde logo as partes que a conferencia não podesse tratar.

(Continua)

R.

EPIHEMÉRIDES ARTÍSTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1801. — 11. — Grande espectáculo gratuito no theatro de S. Carlos para solemnisar a paz de Portugal com a republica franceza. Quinze dias depois assignava-se em Madrid o tratado entre Portugal e a França, que abria os nossos portos ás mercadorias francezas.

1288. — 12. — D. Diniz consente que muitos dos prelados dos mosteiros do reino, em corporação, suppliquem ao papa Nicolau IV, o indulto apostolico para se poder erigir uma universidade de letras em Portugal.

Teve logar este pedido em dois dos idus de novembro de 1326, que corresponde, segundo Leitão Ferreira, aos 12 de novembro de 1288.

1460. — 13. — Morre na villa de Sagres, lamentado pela Europa inteira, o famoso infante D. Henrique, duque de Vizeu, 3.º filho de el-rei D. João I, e iniciador das grandes descobertas maritimas, que se effectuaram n'aquelle tempo, desde o cabo Badajoz até á Serra Leoa, na extensão de 370 leguas da costa.

Tinha o infante perto de 67 annos de idade, pois que havia nascido em 4 de março de 1394, Jaz no convento da Batalha.

1848. — 14. — E' mandado transferir para Mafra o real collegio militar, da casa de S. Vicente de Paula, em Rilhafolles, para onde havia ido em 1835.

Effectuou-se a mudança em janeiro de 1849.

1836. — 15. — E' creado em Lisboa pelo visconde d'Almeida Garrett, então ministro do reino, um Conservatorio Geral da Arte Dramatica, comprehendendo tres escolas: dramatica, ou declamação, musica e dança.

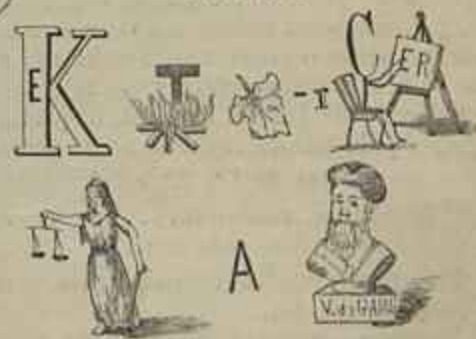
Ficou n'este estabelecimento incorporado o Seminario de musica, que por dec. de 5 de maio de 1835 havia sido annexado á Casa Pia de Lisboa.

1863. — 16. — Debuta no circo de Price do celebre voador Leotard, rival de Blondin, inventor dos tres trapezios e mestre do admiravel Fisher.

1840. — 17. — Nomeia-se uma commissão encarregada de levar a effecto a construcção de um theatro nacional, em Lisboa.

Esta commissão deu o parecer que a referida edificacão fosse feita no local do incendiado palacio do Thesouro, no Rocio, decisão que foi approvada em 28 de maio de 1841.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

No nosso proximo numero publicaremos o retrato de uma eminente escriptora.



1860 — 17 — Apresenta-se pela primeira vez ao publico de Lisboa, em o theatro de D. Maria II, o actor brasileiro João Caetano dos Santos, no drama em 5 actos, a *Dama de S. Tropez*.

Foi considerado como actor distincto, mas não como grande actor.

1866. — 18. — E' creado por Passos Manuel um Conservatorio de Artes e Officios, em Lisboa.

Ficou depois incorporado na Escola Polytechnica, por decreto de 20 de setembro de 1844.

1724. — 19. — Morre no hospital da Misericordia de Toledo o insigne portuguez, inventor dos balões acrostáticos, padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Veja-se o que a este respeito dizemos nas ephemerides do nosso n.º 130.

1794. — 20. — Aparece á venda o famoso pamphleto: *Medicina Theologica*, sem o nome do auctor, e cujas doutrinas foram desde logo consideradas como *subversivas, impias e erroneas*. O intendente de policia ordena uma rigorosa devassa para se descobrir o auctor, mas em vão. Este celebre impresso originou a dissolução da *Real Mesa da Commissão geral sobre o exame e censura dos livros*, que o havia approvado.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

OS CAVALLEIROS DO AMOR, romance historico de Alvaro Carrillo, traducção de Cunha e Sá, empresa Horas Romanticas editora, Lisboa. 1.º e 3.º vol. d'este romance, um dos melhores, no seu genero, que temos visto e que reúne ás belezas do original uma traducção cuidada, o que nem sempre acontece n'este genero de litteratura.

Este romance é illustrado com chromo-lythographias.

MYSTERIOS DO POVO, por E. Sue, traducção liberrima de Jose Alexandre Salvador Cavalleiro, Empresa Horas Romanticas editora, Lisboa. X e ultimo vol. d'este apreciado romance que fez a reputação do seu autor e que se acha de ha muito traduzido, cremos, em todas linguas cultas, sendo esta edição a terceira que conhecemos em portuguez, o que prova sobejamente o grande valor da obra.

CORREIO DO BRAZIL. *Revista Mensal*, proprietario e redactor Oliveira Lima, typographia Castro Irmãos, Lisboa. O numero 4 do 1.º anno que temos presente, publica os retratos de D. Pedro II imperador do Brazil, visconde do Rio

Branco, dr. Araujo Beltrão e Joaquim Nabuco, de que tambem publica as respectivas biographias.

Na parte litteraria é collaborado pelos srs. Oliveira Lima, Brito Aranha e barão de Aguiar de Andrade.

Este numero do *Correio do Brazil* é commemorativo da lei de 28 de setembro de 1871 e da abolição da escravatura no Brazil, por isso pu-

CASINO ESPAÑOL. *Oporto Projecto de Estatutos*, de uma sociedade hespanhola que se pretende fundar na cidade do Porto, com o fim de ministrar instrucção e prestar succorro á colonia hespanhola ali residente.

HISTORIA UNIVERSAL original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida. Empresa Litteraria de Lisboa editora, Lisboa. Fasciculos 14, 15 e 16 de 40 paginas cada um e duas gravuras «*Alhambra de Granada*» «*Pedro o Ermita pregando a primeira cruzada*». Estes fasciculos pertencem já ao segundo volume em publicação, que segue com a maior regularidade.

JORNAL DE HORTICULTURA PRATICA, Redactor Oliveira Junior. Porto, vol. xiii, n.º 11, de novembro de 1882. — Continua esta util publicação na sua marcha regular, concorrendo poderosamente para o desenvolvimento do estudo agricola em o nosso paiz, sendo uma das melhores publicações, no seu genero, que possuímos, e que não temos duvida em recommendar ao publico.

SCIENCIA PARA TODOS, redactor Francisco de Almeida, Lisboa. — Este periodico que tem sido publicado com a maxima regularidade, occupa na imprensa um logar distincto, tanto pela sua magnifica redacção como pela vulgarisação de conhecimentos que ministra. Vae já no n.º 43 e cada vez se torna mais digno da attenção do publico.

O INSTITUTO. *Revista Scientifica e Litteraria*, vol. xxx, agosto de 1882, segunda serie n.º 2 — Coimbra. O sumario d'este numero é: Luiz Carlos, por A. A. da F. P. — Fragmento de Elegia, por Macedo Papança — Questões de direito commercial, por Alfredo Vieira. — O muscu botânico da universidade e as collecções de productos de Macau e Timor, por J. A. Henriques — Varias poesias por Luiz Carlos — Sobre a natureza das cousas, por A. de M. Falcão. — Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. — Considerações sobre a lingua portugueza e seu estudo, por Agostinho de Mendonça Falcão. — Catalogo dos objectos existentes no muscu de archeologia do instituto de Coimbra, por J. C. A. de G.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Theouro Velho, 6



OS NOVOS MARCOS POSTAES (Desenho de natural por Cass)

blica os retratos dos personagens acima nomeados, como dos que mais influiram para a promulgação d'essa lei.

E uma publicação digna a todos os respeito da attenção do publico.

DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, collaborado pelos principaes escriptores, livraria Zeferino editora, Lisboa. Fasciculos 42 e 43 que alcança até a palavra *Avilez*. Vae seguindo com toda a regularidade a publicação d'esta obra, para a qual é preciso, a par de um grande capital de empenho, uma decidida boa vontade.

Moiteiro de Santa Clara de Coimbra. — Considerações sobre a lingua portugueza e seu estudo, por Agostinho de Mendonça Falcão. — Catalogo dos objectos existentes no muscu de archeologia do instituto de Coimbra, por J. C. A. de G.

AVISO

Tendo-se esgotado uma grande parte dos numeros do OCCIDENTE relativos ao primeiro, segundo e terceiro volumes d'esta publicação, procedeu-se á reimpressão dos mesmos, o que augmentou consideravelmente o custo d'estes volumes, e por isso a Empresa previne os seus correspondentes e o publico em geral, de que a partir do primeiro de janeiro de 1883, os preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes regulam pela tabella seguinte:

Preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes do OCCIDENTE

Brochados, cada um 3\$000
Encadernados, cada um..... 4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 sobre os preços marcados.

Numeros avulsos relativos a estes volumes ou sejam os n.º 1 a 72, cada um 160 réis.

Para as pessoas que desejarem adquirir estes volumes por séries de 12 numeros seguidos, 1\$500 e por séries de seis numeros seguidos 750 réis.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPRESA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empresa vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.